

**Centro Cultural São Paulo**

**Divisão de Ação Cultural e Educativa**

**Coordenador da DACE: Alexandre Bispo Araújo**

**Ensaio Reflexivo – 3º. Edital de Mediação Artística (2014)**

**Autor e Membro do Júri: Leonardo Carvalho Bertolossi**

À guisa de introdução de uma reflexão sobre mediação artística no Centro Cultural São Paulo há que se mobilizar uma dicção que seja dúctil. Uma fala de autoria conjunta, inter-tradução, condução e afetação/aliança partilhada. Só assim é possível comunicação e seu encantamento maior – experiência significativa que fica e finca, que se abre ao outro, enraíza e mobiliza uma experiência inclusiva e cidadã: educação. Embora em primeira pessoa, esse ensaio congrega vários “eus” encontrados nas experiências desenvolvidas – desde encontros com colegas do júri até proponentes dos projetos selecionados, funcionários e o público mesmo da instituição. Desse modo, o roteiro desta escrita pretende mapear os encontros, vivências e a avaliação dos trabalhos desenvolvidos.

Quando fui convidado para ser júri do 3º. edital de mediação artística do Centro Cultural São Paulo imaginei que o meu trabalho seria apenas o de assistir e selecionar os projetos submetidos para essa instituição. Ajudar a conduzi-los com sugestões e alguma crítica. Minha surpresa é ter me percebido ao longo do processo muito mais errante e aprendiz que supervisor ou voto de Minerva sobre outrem, os saberes estão sempre partilhados e muita das vezes me vi orientado pelas experiências propostas.

E é com essa vocação e sensibilidade que o Centro Cultural São Paulo está fazendo 33 anos neste ano de 2015. Data mais simbólica impossível, idade de Cristo, personagem-mór da moralidade ocidental tal qual um primeiro professor que defenderia o direito à diferença, à diversidade e à presença nas múltiplas moradas na casa do Pai. A intenção não é aqui fazer apologia ao nome maior do cristianismo. Cristo, Buda, Oxalá ou qualquer outro nome sacro das múltiplas igrejas da existência humana, ou mesmo intelectuais laicos tais como “mentores espirituais” dos sentidos da experiência partilhada poderiam ser evocados. Em tempos desencantadores de intolerâncias religiosas, desprezo às diferenças e às desigualdades, conservadorismos e muito rancor, a missão da educação através da arte se faz urgente.

Menos templo e mais fórum aberto de diálogos e práticas variadas, o Centro Cultural São Paulo tem mobilizado através de sua equipe multidisciplinar, de seus acervos e de sua programação variada e aberta – de sua concepção arquitetônica até os diversos públicos que congrega – um papel singular na economia cultural das

instituições da cidade de São Paulo. E é nesta direção que o edital de mediação artística se dá, na vontade de dialogar e pensar educação com aqueles que usam este aparelho cultural. A educação é pensada, outrossim, de forma menos vertical, como se fossem apenas proposições de uma equipe de arte-educadores para um público ampliado. O que está em questão é uma negociação e vivência compartilhada, o público se torna educador com propostas desenvolvidas e acompanhadas pela instituição através deste edital.

E o caminho só poderia se dar com êxito se fosse mesmo desenvolvido por aquilo que o mundo ocidental moderno chama de arte, esse “melhor do humano”, essa potência de descobrir, criticar e reinventar mundos e relações. Immanuel Kant diria que a estética é a razão das sensações (EAGLETON 1993:19), e o antropólogo Claude Lévi-Strauss afirmaria ser a arte o “significante flutuante” entre os rearranjos de tempos estruturais pretéritos instrumentalizados, e as imaginações conceituais que as engenharias futuristas ocidentais preconizam sobre o devir (LÉVI-STRAUSS 2007:38-46; LÉVI-STRAUSS 2003:43). A arte afeta, comunica e faz fazer. Como antropólogo e historiador de formação, estou informado que por dever de ofício cabe ao humanista familiarizar os mundos que se lhe parecem exóticos, estranhar o familiar, ver de dentro e de fora, de perto e de longe, mobilizar movimentos e deslocamentos que nos façam ampliar nossas visões de mundo com os outros, saindo de nossas ideias locais e preconceitos narcísicos originários.

E através da educação com arte, esse saber indisciplinado e nômade, que é possível partilhar protagonismos e sensibilizar pessoas para causas e questões que lhe são exógenas. Desse modo e sob este princípio ético, que eu e os demais membros do júri do edital nos pautamos com a responsabilidade de selecionar os projetos mais apropriados para pensar uma via minoritária e inclusiva, para pensar educação e cultura sem o imaginário que povoa e coloniza o entendimento sobre os saberes dos museus e centros culturais – espaços de elites.

Não foi, no entanto, uma tarefa fácil selecionar os múltiplos projetos que se propuseram a este papel. As propostas eram muito variadas e diferenciadas, muito ricas em seus conceitos e propostas de exploração de caminhos. Foram selecionadas as seguintes proposições: “Encontros Cafuzos”, “O Público de Fora”, “Duplo Acesso” e “REVER”. Penso que as quatro que selecionamos traduzem um pensamento comum desta equipe da qual fiz parte e que possuía um interesse comum acerca do edital em questão: todas eram propostas inclusivas de públicos periféricos, invisibilizados e considerados efetivamente de fora do jogo dos capitais simbólicos disponíveis nas instituições culturais da cidade.

“Encontros Cafuzos”, projeto proposto pelas educadoras Rosana Borges Silva, Roberta Stein e Daniela Landin, tinha por interesse sensibilizar o público do CCSP sobre as múltiplas histórias africanas e indígenas que compõem a cultura brasileira. Histórias minimizadas e vistas com muito preconceito, quando não totalmente desconhecidas e ignoradas, e que fazem parte de nossa história cotidiana. Como se sabe,

é por conta do ignoro acerca destas histórias que índios são exterminados desde o “mau encontro” com os portugueses, que persiste o cenário de inclusão com exclusão (SCHWARCZ 2011:430-443) externado através de racismos variados, e de afirmações violentas como a mais recente do técnico de futebol Dunga sobre os afro-brasileiros como se estivessem ontologicamente “acostumados a apanhar”, desmontam nossa mitologia supostamente democrática-racial e cordial (FREYRE 2011, HOLLANDA 2015). O trabalho desenvolvido por Rosana, Roberta e Daniela se alinha com as leis 10.639 e 11.645 que instituem o ensino de história e cultura africana e indígena nas escolas do país, uma legislação que já aponta o estatuto desigual destas cosmologias diante da preponderância eurocêntrica nos saberes que constituem os parâmetros curriculares nacionais.

Tive a oportunidade de acompanhar algumas de suas oficinas e as estratégias não poderiam ter sido mais felizes. Falarei, portanto, em primeira pessoa, a partir das experiências que tive, como se partilhasse algumas anotações de meu caderno de campo. Numa delas, com uma indumentária inspirada nos tecidos africanos dos quais emergem histórias e identidades tribais desconhecidas, as proponentes mobilizaram uma verdadeira arqueologia pautada por uma liturgia muito curiosa. Convidava-se ao público a escolher uma das várias pedras de formatos diferentes que traziam e que nos remetiam aos búzios e oráculos do Ifá. Uma vela era acendida, como que um pedido de licença e uma oferenda aos orixás, e uma história era contada. A partir desta história, uma conversação se instaurava e se integravam memórias variadas do público e dos povos ali evocados naquela experiência.

Noutra atividade, bonecas de pano conhecidas como Abayomi eram “ensignadas” ao público que tomava não apenas o conhecimento das histórias das mulheres que cercavam a produção das mesmas (e o sentido afirmativo da sociabilidade envolvida em sua produção), como era convocado para fazer o mesmo. E as bonecas surgidas na experiência da mediação transcendiam ao repertório afro-indígena original para uma verdadeira confraternização cultural que integrava públicos de backgrounds culturais diversos, surgiram histórias e bonecas nipo-africanas, afro-italianas, teuto-indígenas, dentre outras remixagens culturais.

Gilles Deleuze (VIVEIROS DE CASTRO 2015:183-200) e Jeanne Favret-Saada (2005:155-161) falam da potência do afeto como mobilizador de comunicações involuntárias e “conversões” à diferença que os mesmos mobilizariam; devires em sua panóplia conceitual. A experiência afro-indígena mobilizada pelas educadoras se revolvía numa “festa ecumênica” em que os participantes variados e de pertencimentos sociais e culturais diferenciados se mobilizavam numa conversa que articulava o seu interesse despertado por aqueles grupos excluídos e suas histórias, agora atualizadas por um público novo e inesperado.

O segundo projeto desenvolvido no âmbito do edital em questão, “O Público de Fora”, e objetivava problematizar o acesso restrito dos moradores das periferias de São Paulo ao Centro Cultural São Paulo. O trabalho foi desenvolvido pela premiada artista

visual Graziela Kusch, que apresentava parte de sua produção e pesquisa vinculada ao Movimento Passe Livre simultaneamente na Bienal de São Paulo. Graziela tem desenvolvido ao longo de sua trajetória como artista uma pesquisa que tem pautado o problema da acessibilidade e da mobilidade urbana em grandes capitais do país, com destaque para a cidade de São Paulo.

A ideia da proponente era instalar uma poesia visual nas entradas do Centro Cultural São Paulo e registrar a recepção das pessoas diante do trabalho. Com os dizeres “*Havia uma catraca no caminho*”, Graziela se propôs a problematizar o acesso aos equipamentos culturais da cidade, restritos por sua localidade às classes médias paulistanas. Graziela mobilizou intenso debate não apenas com o júri do edital, quando me disponibilizou um CD-ROM com sua pesquisa e produção, mas também com funcionários do CCSP, indagando-os sobre os roteiros realizados para acessar aos museus, centros culturais e teatros da cidade.

O projeto não foi desenvolvido devidamente, no entanto. A proponente comprometeu-se a mobilizar os recursos obtidos pelo edital e suas parcerias políticas para trazer estudantes e moradores da periferia ao CCSP, o que não aconteceu. O calendário da programação tampouco foi realizado devidamente. Talvez o fato de o projeto parecer ter sido desenvolvido de formas diferentes simultaneamente em diferentes instituições não tenha contribuído para uma dedicação mais efetiva ao seu desenvolvimento no centro cultural. Por fim, o projeto era bastante audacioso e parecia sintonizado com as questões do júri, mas sua realização foi bastante restrita e sua abordagem metodológica bastante tímida. Sugere-se a reavaliação das estratégias e uma postura mais aberta e em diálogo com as necessidades da instituição, o que não se efetivou devido à ausência da proponente em alguns momentos.

O terceiro projeto realizado ao longo de 2014 foi o “Duplo Acesso”, idealizado e coordenado pelas educadoras Diana Tsonis e Evelize Bernardes. As oficinas contaram ainda com a participação da atriz Daniela Ferrari. O trabalho proposto mobilizava uma reflexão em torno da diferença sensorial de pessoas com desigualdade em suas capacidades de visão. Cegueira de nascença, adquirida e redução da visão foram problematizadas em oficinas com o público e com os funcionários com deficiência visual do CCSP à frente da Biblioteca Braille.

As atividades desenvolvidas estimulavam o público a problematizar essa “janela da alma”, como chamaram a visão os cineastas brasileiros Walter Carvalho e João Jardim, de modo a conscientizar a predominância da visão como sentido de destaque para a cultura ocidental moderna. Descentrar as trações deste aparato arrogante que é a visão na direção de potencializar outros sentidos corpóreos e extra-sensórios foi um dos eixos poéticos que mobilizaram as sensíveis atividades desenvolvidas.

E as experiências foram variadas. Das que participei, “*A Pele das Coisas*” explorava contornos de objetos através das mãos do público participante tendo os olhos vendados. A sensação ansiosa e o relativo mal-estar de não poder ter como referência a ditadura da visualidade parecia direcionar o exercício na ativação da necessidade de um

outro tempo à sensibilização de outras maneiras de experimentar o mundo e suas coisas. Diante da impossibilidade da visão, as diferenças etárias, étnico-raciais, sexuais e de gênero e de classe eram tornadas caricaturas e a “decifração” das desigualdades sociais e dos marcadores sociais performatizados no mundo social tinham que se realizar através de outros mecanismos. A abertura ao outro se tornava naquelas trocas uma interlocução mais aberta e generosa, e o filtro ditatorial da visão na produção mental de interpretações mesquinhas sobre os outros era deslocado para um afeto e uma intimidade corpóreas que mobilizavam uma indagação sobre a urgência de outra ética do convívio.

Outra atividade desenvolvida no escopo do “Duplo Acesso” que pude acompanhar foi uma oficina com objetos que remetiam a memórias e a troca de experiências vivenciadas. O diferencial desta oficina era que o público tinha a chance de interagir com os funcionários com deficiência visual que trabalham no Centro Cultural São Paulo e indagá-los acerca de suas maneiras de sentir o mundo, suas dificuldades e atribulações; assim como suas estratégias de resistência e sobrevivência num contexto ainda pouco inclusivo, cuja sensibilidade à acessibilidade ainda precisa avançar bastante na pauta das políticas públicas, assim como uma reflexão ampliada sobre educação mista entre deficientes e não-deficientes. O estatuto mesmo da “deficiência visual” fora problematizado nestas atividades de modo a questionar preconceitos e estigmas usualmente direcionados para pessoas que possuem diferenças e/ou desigualdades em perceber o mundo, algo que é eminentemente humano e comum a todos os seres nesta condição. Nossa visão é sempre mediada pela cultura e sociedade na qual estamos inseridos.

É atribuído ao antropólogo Franz Boas (1986) a fatídica afirmação de que “o olho é o órgão da tradição”. Se o projeto “Duplo Acesso” problematizava pessoas e mundos onde este vetor cognitivo não é preponderante, o projeto “REVER”, assinado pelas educadoras Marília Carvalho e Luara Carvalho, mobilizava uma discussão entre a diferença do “ver ansioso e desatento” e o “olhar afetivo e participativo”. Numa cultura contemporânea pautada pelo excesso de imagens cada vez mais efêmeras e por uma espetacularização do mundo, afirmaria Guy Debord (1997), rever as coisas e a si mesmo diante delas é um exercício pedagógico fundamental. Diante do outro se pode rever a si próprio e a tradição de entendimento do mundo é ampliada e aberta.

Através desta aposta, as jovens educadoras Marília e Luara, em torno dos seus vinte e poucos anos, mobilizaram criativamente diferentes espaços do Centro Cultural São Paulo através de uma oficina-brincadeira que mobilizava não apenas o olho humano, mas o corpo, os ouvidos, a fala e a escuta. O público (mas também os funcionários) era convocado a seguir etapas de uma espécie de “caça aos tesouros” do CCSP, flanando por diversos acervos, funcionários e pessoas gravitando pela instituição. Tive a chance de ter feito dois trajetos propostos pela oficina desenvolvida e numa delas conheci uma música do Baden Powell muito bonita, toda instrumental e dedilhada ao violão que não havia ouvido antes. Mas o melhor foi ter acessado a

Discoteca Oneyda Alvarenga, ainda desconhecida por muitos, que faz 80 anos neste ano, e apresenta um dos acervos mais ricos em vinil com o melhor da música brasileira.

Noutra experiência, conversei com um segurança que trabalha no CCSP e ele me contou sua lembrança de um morador de rua que tentou usar os serviços da instituição e as atribuições envolvidas. Talvez o projeto de Graziela Kunsch poderia ter explorado o grande número de moradores de rua que diariamente usa os banheiros do CCSP e que não consegue acessar outras dependências da instituição.

Em seguida, orientado pelo caderno de anotações que direcionava a atividade, me vi conversando com um dos dançarinos de K-Pop que de tanto ali viverem essa expressão corporal foram agregados pela instituição através da realização de um festival competitivo de K-Pop, considerado hoje um dos mais importantes da cidade de São Paulo.

“REVER” investiu, portanto, na ideia de ver junto. Rever como verter e reverter, deambular e se espantar com um percurso inusitado, descondicional/descolonizar o corpo e sua relação com o espaço, envolver-se com/no Centro Cultural São Paulo como se recebesse um grande abraço daqueles que por ali transitam, ocupam e o significam.

Já na direção de algumas anotações finais, penso que a experiência vivenciada não poderia ter sido mais gratificante para mim e para o público que vi desenvolvendo as atividades. À exceção do projeto de Graziela Kunsch, que poderia ter sido melhor desenvolvido e se perdeu nas conjunturas do processo, os demais planos de trabalho foram igualmente exitosos e cumpriram efetivamente o que se esperava deles. Evidentemente que o formato das atividades realizadas foi se adequando às conjunturas e às respostas do público, mas o eixo original norteador da proposta se manteve e foi potencializado pela agudeza e abertura sensível de todas proponentes, que muito bem souberam se adequar e agregar os saberes e práticas do público e da instituição, atendendo às suas expectativas.

Para um movimento livre e aberto é preciso dos outros, sair do eu e partilhar mundos, aposta e missão de toda antropologia, arte e, sobretudo, educação. Mediar arte com educação é inventar outra antropologia, romper com desigualdades, compartilhar protagonismos, imaginar outros possíveis, experimentar saberes, presentificar experiências, Corpos e afetos, abrir possibilidades de diálogo que sejam efetivamente inclusivas. O edital de mediação artística do Centro Cultural São Paulo tem esses objetivos e os projetos desenvolvidos ritualizaram e atualizaram a “cosmo-lógica” educativa desta instituição.

Que venham os próximos!

**Referências Bibliográficas:**

BOAS, Franz. **Anthropology and Modern Life**. New York: Dove, 1986.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

EAGLETON, Terry. Particulares Livres. In: **A Ideologia da Estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. pp. 19.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser Afetado. In: **Cadernos de Campo – Revista dos Alunos da Pós-Graduação em Antropologia Social da USP**. Vol. 13. No. 13. 2005. pp. 155-161.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**. São Paulo: Global, 2011.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A Ciência do Concreto. In: **O Pensamento Selvagem**. Campinas: Papirus, 2007. pp. 38-46.

\_\_\_\_\_. Introdução à Obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003. pp. 43.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Racismo no Brasil: Quando Inclusão combina com Exclusão. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (orgs.). **Agenda Brasileira: Temas de uma Sociedade em Mudança**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 430-443.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. A Produção não é Tudo: Os Devires. In: **Metafísicas Canibais**. São Paulo: Cosac Naify, 2015. pp. 183-200.